

# DA DIÁSPORA AFRICANA À LITERATURA AFRO-HISPANO-AMERICANA: O NEGRO E A NEGRITUDE NA LITERATURA DE LÍNGUA ESPANHOLA

The African Diaspora The Literature Afro-Hispanic American: The Black In The Language Of Literature Spanish

Marcos, Eidson Miguel da Silva<sup>1</sup>

*eidson\_miguel@hotmail.com*

---

## Resumo

O presente escrito apresenta os desdobramentos e algumas ilações dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos no âmbito do projeto "Da Diáspora Africana à Literatura Afro-Hispano-Americana: o negro e a negritude na literatura de língua espanhola". No qual investimos na leitura de obras cubanas, a exemplo de *Cecília Valdes*, de Cirilo Villaverde, *Cachorro Velho*, de Teresa Cárdenas e *Memórias de um Cimarrón*, de Miguel Barnet, e também em obras de autores colombianos, como *Maria*, de Jorge Isaacs. Nas análises realizadas, procuramos vislumbrar o esboço de uma identidade nacional hispano-americana que leve em conta a experiência social, histórica e cultural de alteridades que não a europeia, como a do negro, por exemplo. Constatando as tensões e fissuras que marcam tal experiência.

**Palavras-chave:** Diáspora africana; identidade; literatura de língua espanhola

## Abstract

This writing presents the developments and some relations of the research work carried out under the project "The African Diaspora in African Literature Hispano-Americana: the black and blackness in Spanish literature." In which we invested in reading Cuban works, like Cecilia Valdes, Cirilo Villaverde's, Old Dog, Teresa Cárdenas and Memoirs of a Cimarrón, Miguel Barnet, and also in works by Colombian authors like Maria by Jorge Isaacs. In the performed analysis, we try to glimpse the outline of a Spanish-American national identity that takes into account the social experience, historical and cultural otherness than European, such as black, for example. Noting tensions and fissures that mark such an experience.

**Keywords:** African Diaspora; identity; Spanish-language literature

---

## 1. INTRODUÇÃO

No tocante a discussão em torno de uma identidade, ou de identidades, situada(s) no contexto hispano-americano, se faz necessário perpassar todo um processo histórico de formação sócio-cultural que remete à chegada do colonizador europeu

ao novo mundo, a partir do século XV, e seu contato, dentre outras alteridades, com os povos originários do continente e o negro africano em sua experiência diaspórica. Durante séculos, olhou-se para esse processo principalmente a partir de lentes eurocêntricas, cristalizando-se leituras do contexto americano oriundas de um único ponto de vista, o do chamado “vencedor”. Nesse sentido, a literatura consistiu e consiste em um campo privilegiado para o tratamento dessas questões, onde, inclusive, a voz dos “vencidos” também se faz presente.

Em 1492 o Novo Mundo é “descoberto” pela esquadra comandada por Cristovão Colombo a serviço da coroa espanhola. A partir de então, o passado e o destino do “Novo Mundo”, juntamente com o de seus habitantes, passou a ser lido, principalmente, através de um ponto de vista eurocêntrico. As produções quinhentistas, que entraram para a história ocidental sob o rótulo de Literatura de Informação, inauguram um olhar estrangeiro sob a América, esboçando assim um perfil identitário do autóctone baseado no imaginário do colonizador. Assim, podemos observar que em seu diário de bordo Cristovão Colombo já esboça um perfil dos “índios” percebendo, por exemplo, que os nativos “eram pessoas que se entregariam e converteriam à nossa fé pelo amor e não pela força” (COLOMBO, s/d p. 44). É interessante perceber que mesmo sem haver um claro entendimento entre as partes pelas diferenças linguísticas, Colombo consegue depreender que os nativos põem a terra à sua disposição.

Em paralelo, também são produzidos textos que expressam a visão dos vários povos que habitavam o continente americano antes da chegada dos colonizadores, a exemplo dos Astecas, Maias e Incas<sup>1</sup>. No tocante à experiência afro-descendente, trabalhos como o desenvolvido por Miguel Barnet em *Memórias de um Comarrón e Cachorro Velho*, escrita pela descendente de escravos Teresa Cárdenas, nos fornecem um ponto de vista de outra alteridade protagonista da história, mas que geralmente não dispões de tanta visibilidade em relação a outras. No projeto em questão, portanto, investimos na leitura de obras hispano-americanas, a exemplo de “*Maria*”, de Jorge Isaacs, “*Cecília Valdes*”, de Cirilo Villaverde, *Cachorro Velho*, de Teresa Cárdenas e *Memórias de um Cimarrón*, de Miguel Barnet, procurando vislumbrar os esboços de identidades hispano-americanas que levassem em conta a

experiência, tradição e memória contida na experiência diaspórica dos povos negros trazidos na condição de mão de obra escrava para as Américas.

## **2. METODOLOGIA**

Para a realização do trabalho, lançamos mão de leituras, fichamentos, discussões, participações em eventos, produção de textos e pesquisa de novas fontes de informação. Nos três primeiros meses de 2014, focamos uma prévia delimitação do corpus de pesquisa – o qual é permanentemente incrementado – e a delimitação do escopo teórico. A partir de abril iniciamos os trabalhos de leituras e fichamentos dos materiais levantados, em agosto já estávamos apresentando os primeiros resultados escritos das leituras e fichamentos realizados ao orientador e, inclusive, produzindo o primeiro artigo científico do projeto: *Memórias de Maria e Cecília: a Experiência Escravista pelas Lentes Românticas das Literaturas Colombiana e Cubana do Século XIX*, apresentado no VII Congresso Brasileiro de Hispanistas, realizado na UFRJ e no IV Encontro Universitário de Hispanistas, realizado na UFRN/CERES/Currais Novos.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise comparativa entre autores como Jorge Isaacs e Cirilo Villaverde resultou em leituras com foco na memória, numa perspectiva de se identificar possíveis esboços de uma identidade hispano-americana que já leve em conta a experiência social, histórica e cultural de alteridades que não a europeia, como a do negro escravizado por exemplo. No trabalho comparativo feito a partir da leitura das suas obras, privilegiamos uma discussão em torno de uma identidade hispano-americana. Para tanto, necessitamos perpassar todo um processo de formação sócio-cultural que remete à chegada do colonizador europeu ao novo mundo, a partir do século XV, e seu contato com o ameríndio autóctone e o negro africano com sua experiência diaspórica, procurando compreender a repercussão desses eventos em produções literárias. Nos casos de *Cachorro Velho* e *Memórias de um Cimarron*, os “oprimidos” da história ganham voz e apresentam suas versões e experiências da história. Delineando, por exemplo, o perfil étnico dos grupos de negros em Cuba.

Na década de sessenta do século XX, o poeta, ensaísta e etnólogo cubano Miguel Barnet registrou, na obra *Memórias de um Cimarron*<sup>2</sup>, o testemunho de Estaban Montejo, que foi escravo, cimarron e combatente na guerra pela independência de Cuba. Por intermédio desse trabalho, temos acesso ao ponto de vista de um dos protagonistas dos eventos históricos que marcaram a trajetória cubana e que normalmente, por questões de ordem social e etnoracial, não dispõe de repercussão nas demais esferas sociais e de difusão da informação. Em seu relato, Esteban Montejo nos apresenta um esboço do contexto social em que nasceu e viveu. Em relação aos negros, ele aponta para as diferenças étnicas existentes, que poderiam marcar positivamente ou negativamente as relações entre elas: Os *lucumís* não gostavam do trabalho da cana e muitos fugiam. Eram os mais rebeldes e valentões. Os congos não; eram meio covardões, fortes para o trabalho e por isso pegavam no batente sem queixas. Existe um tipo de cutia muito conhecida que é chamada conga; é muito covardona. Nos engenhos havia negros de diferentes nações. Cada um tinha seu tipo. Os congos eram escuros embora houvesse muitos *jabaos*. Eram geralmente pequenos. Os mandingas eram meio avermelhados. Altos e muito fortes. Eu juro que eram ruins de nascença e criminosos. Estavam sempre na deles. Os *gangas* eram bons. Baixinhos e de cara sardenta. Muitos foram *cimarrones*. Os *carabalís* eram como os congos *musungos*, umas feras. (BARNET, s/d, p. 37)

2 Termo que designava o escravo fugitivo que vivia sozinho nas matas em Cuba, diferentemente do quilombola que se organizava em comunidades. 3 Charco – o Oceano Atlântico.

As diferenças iam para além das étnicas, chegando à de pertença territorial entre o negro de cá (nascido em Cuba) e o “africano de lá, do outro lado do *charco*” (BARNET, s/d, p. 41). Distinção que atingia também as relações sociais de poder entre os próprios negros. Por Montejo se reconhece como negro e como cubano, percebendo ao mesmo tempo as tensões sociais embutidas nessa identidade;

Quando terminou a guerra, começou a discussão de que se os negros tinham lutado ou não. Eu sei que noventa e cinco por cento da raça negra fez a guerra. Depois eles começaram a dizer que era setenta e

cinco. Bem, ninguém lhes criticou essas palavras. O resultado foi que os negros ficaram na rua da amargura. Isso era incorreto, mas assim foi.

Na polícia não havia nem um por cento de negros, porque os americanos diziam que quando o negro pegasse força, quando se educasse, isso seria prejudicial para a raça branca. Assim, o negro foi completamente separado. Os cubanos da outra raça ficaram quietos, não fizeram nada e aí morreu o assunto, até hoje, que é diferente, porque eu vi brancos com negras e negras com brancas, que é mais delicado, pela rua, nos cafés, em qualquer lugar. (BARNET, S/D, p. 178-179)

A leitura e comparação entre romances de diferentes contextos hispânico-americanos aponta para as diferentes nuances construção de identidades que tratem da presença histórica e cultural do negro no continente americano. Os contextos do Caribe (Havana/Cuba) e da América do Sul (Cauca colombiano) que foram os cenários retratados por meio de romances característicos do século XIX e na narrativa bibliográfica coletada no século XX, mas que abarca uma experiência que atravessa esses séculos, retratados nos momentos históricos dos enredos, cruzados com as leituras teóricas buscadas na crítica literária, estudos culturais, História, Sociologia e Antropologia, expuseram fissuras e tensões de várias ordens no âmbito da construção identitária emergida dos contextos hispano americanos analisados pelo viés literário.

#### **4. CONCLUSÕES**

Em outra sulamericana, rastreamos e analisamos elementos que apontam para emergência de identidade(s) permeada(s) por tensões de ordem nacional, social e etnorracial, situadas temporalmente nos séculos XIX e XX, nesse primeiro momento da pesquisa. Tensões que se verificam até os dias atuais e estão no cerne de várias questões que envolvem elementos de ordem nacional, social ou etnorracial. Nesse sentido, as ilações apresentadas oferecem pistas e abrem caminhos de investigação para fenômenos culturais atuais e que perpassem as questões hora discutidas.

Vale ressaltar o estabelecimento de intercâmbios com pesquisadores de varias partes do Brasil, por meio da participação em redes de contato entre profissionais de diversas instituições de ensino superior do país, como é o caso da participação na Rede de Estudos Andinos, onde a pesquisa realizada até o momento demonstrou

encontrar espaço propício para entabular diálogos e futuros desdobramentos para o projeto, no tocante às discussões em torno da diversidade cultural do continente.

## 5. REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARFUCH, Leonor. "A vida como narração". In: *O Espaço Biográfico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARNET, Miguel. *Memórias de um Cimarron*. São Paulo: Marco Zero, s/d.
- BASTIDE, Roger. *Las Américas Negras*. Madrid: Alianza Editorial, 1969.
- CÁRDENAS, Teresa. *Cachorro Velho*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *A Afro-América: a escravidão no novo mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COLOMBO, Cristovão. *Diários da Descoberta da América*. Porto Alegre: L & PM Pocket, s/d.
- CORDIVIOLA, Alfredo (Org.). *Um Projeto Inacabado: identidades latino-americanas no ensaio do século XX*. Recife: Bagaço, 2001.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- ISSACS, Jorge. *Maria*. São Paulo: Paulinas, 1962.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Conquista da América Latina vista pelos Índios: relatos astecas, maias e incas*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- VILLA VERDE, Cirilo. *Cecilia Valdes*. Havana: Huracán, 1977.
- WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos interculturais na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.

## 6. AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento do projeto contou com o auxílio de bolsa de estudo, o que facilitou o levantamento do *corpus* da pesquisa, assim como as demais demandas do trabalho. Dessa forma, registramos aqui nossos agradecimentos à PROPESQ pelo incentivo e apoio, assim como aos demais colaboradores do projeto.

---

Recebido em: 20/04/2015

Aceito para publicação em: 27/04/2015/